

RELATO SOBRE A TEÁTICA DO ACOLHIMENTO INTERASSISTENCIAL NA DOCÊNCIA CONSCIENCIOLÓGICA

Account on the theorice of interassistential welcoming in
conscientiological teaching

Sônia Carrasco de Souza

Resumo: O artigo apresenta o relato sobre as vivências da autora durante sua atuação como docente e parapedagoga em formação e suas reflexões sobre o acolhimento interassistencial na docência conscienciológica. Descreve atitudes ideais para passar de uma assistência mais instintiva para uma assistência mais qualificada.

Palavras-chaves: Acolhimento; Interassistência; Docência.

Abstract: The article presents an account of the author's experiences during her work as a teacher and parapedagogue in training and her thoughts on interassistential care in conscientiological teaching. It describes ideal attitudes for moving from more instinctive assistance to more qualified assistance.

Keywords: Care; Interassistance; Teaching.

1. INTRODUÇÃO

Este artigo tem por objetivo entender o acolhimento interassistencial e suas características para refletir sobre o desenvolvimento de uma assistência mais profissional, mais tarística e mais cosmoética.

A metodologia desta pesquisa baseou-se em relatos de experiências da autora na condição de professora na socin e também como professora de Conscienciologia e fazendo parte da formação de Parapedagogos, por meio da observação e análise de sua prática docente.

2. CONTEXTUALIZAÇÃO

A autora é professora formada pela PUC-SP desde 1990 e desde então, leciona na socin em São Paulo, hoje na Educação Infantil. Em 2006 conheceu a Conscienciologia, através do Centro de Altos Estudos da Conscienciologia (CEAEC) onde assistiu palestras e tertúlias. Fez o primeiro curso na Conscienciologia em 2013, Princípio da Saúde Conscencial, na Organização Internacional de Consciencioterapia (OIC). Iniciou o voluntariado em 2013 na OIC e em 2014 na Associação Internacional de Pesquisa Laboratorial em Ectoplasmia e Paracirugia (Ectolab). Em 2015 fez o Curso para Formação de Professores de Conscienciologia da Associação Internacional

de Parapedagogia e Reeducação Consciencial (Reaprendentia) e iniciou o voluntariado nessa mesma instituição.

Educação para esta autora sempre significou acolhimento, interação, inclusão, conexão e assistência às consciências. Sempre esteve alerta e se questionando sobre qual a melhor maneira de interagir, de se conectar com o outro. Como acessá-lo verdadeiramente? Intraconsciencialmente essas perguntas eram desorganizadas, e com pouca lucidez, não sabia muito bem o que nem como fazer. Mas sempre a intrigaram e ao longo da sua carreira profissional estavam presentes. A assistência aos outros era muito superficial e sem a mínima tecnicidade, mas sabia que tinha e deveria ajudar. Atualmente como professora de Conscienciologia, seus questionamentos são mais profundos, mais abrangentes, sua atuação atende um número maior de consciências multidimensionalmente e tem uma visão mais ampla de educação e de reeducação.

Na docência conscienciológica a autora atuou em cursos como o Fundamentos da Conscienciologia da Reaprendentia e palestras públicas. Atualmente está realizando a Formação de Parapedagogos e atua na preceptoria dos alunos do Curso para Formação de Professores de Conscienciologia (CFPC) na Reaprendentia.

A educação é a ação de ensinar, de transmitir conhecimento, de educar, de reeducar. O ato de ensinar exige conhecimento e, conseqüentemente, a troca de saberes, é a interassistência na prática. A educação dentro do paradigma consciencial pressupõe a troca de experiências entre consciências com respeito às individualidades e os fatores parabiopsicosociais, ou seja, fatores multidimensionais, fatores biológicos (genéticos, bioquímicos, entre outros), fatores psicológicos (estado de humor, de personalidade, de comportamento, entre outros) e sociais (culturais, familiares, socioeconômicos, médicos, entre outros).

O professor de Conscienciologia poderá favorecer as reciclagens do assistido por meio da tarefa de esclarecimento (tares). “A tarefa complexa do esclarecimento participa da minoria da oposição, analisa realisticamente, diz mais não do que sim, esclarece os fatos, aponta os enganos, ensinando a cada um a só pedir para os outros, não mais para si, no rumo da completa auto-suficiência consciencial” (VIEIRA, 2008, p. 386).

Durante a docência e em suas experiências a autora se questionava como fazer assistência de maneira lúcida, coerente, exemplarista mais tarística e mais cosmoética? Essa era a pergunta chave. Foi a partir daí que resolveu estudar e pesquisar o tema deste artigo.

O acolhimento, para a autora é um dos primeiros requisitos para a interação e assistência qualificada. Mas a atuação era instintiva sem considerar os atributos parapsíquicos.

A seguir nesse artigo os relatos e reflexões e possíveis atitudes que podem ajudar a melhorar a atuação docente e a interassistência.

3. ACOLHIMENTO INTERASSISTENCIAL

Acolhimento é a “ação ou efeito de acolher; acolhida. Modo de receber ou maneira de ser recebido; consideração. Boa acolhida; hospitalidade. Lugar em que há segurança; abrigo” (MICHAELIS, 1998).

Para a autora, por muito tempo, a percepção de acolhimento era básica, incompleta, com tendência maternal, no sentido de consolar, proteger, defender, mimar (principalmente as crianças), mas sempre levando em consideração o fato de querer conectar-se com o outro e dar segurança. Era a maneira que encontrava de interagir de forma mais eficaz na época e, na maioria

das vezes, acontecia a assistência e o resultado era favorável. Mas sabia que era precário, tinha uma percepção íntima que poderia fazer aperfeiçoar-se, qualificar suas relações, suas interações com esforço e desenvolvimento do autoconhecimento.

Importa esclarecer que essas ações só foram possíveis pois é uma consciência que tem por essência a atenção à sua intraconsciencialidade e ao aprimoramento dos atributos assistenciais docentes. A autora listou seus traços: aglutinação, alegria, altruísmo, carisma, cooperatividade, didática, disponibilidade, empatia, motivação, dedicação, lealdade, a intencionalidade tarística e a relação com o assistido como base de conduta, na intra e extrafísica. Sempre agindo como uma pessoa acolhedora e se não fosse natural, por algum motivo, se esforçava para ser. Isso é um valor para ela. Sabia que para poder se conectar com o outro, era muito importante acolher antes de esclarecer, ou até mesmo consolar.

Neste sentido fica mais fácil entender, agir e refletir as ações de acordo com o polinômio da assistencialidade: *acolhimento-orientação-encaminhamento- acompanhamento* (VIEIRA, 2014). Esse polinômio nunca foi novidade para a autora, já o utilizava de maneira natural antes de conhecer a teoria.

Na atualidade, pela prática na docência conscienciológica há vários anos, percebe-se que esse conceito, a visão de acolhimento, está mais completo, mais coerente e mais adequado com a realidade multiexistencial e multidimensional. Utiliza o acolhimento como uma ação que a apoia na interassistência, como um recurso necessário e melhor empregado no sentido de amparar, ajudar, fazer *rapport* e criar um clima de interconfiança para assim chegar a tares, propriamente dita.

É importante ressaltar aqui o conceito de *Acolhimento Interassistencial* que “é o conjunto de atitudes cosmoéticas, empregadas pela consciência, intra ou extrafísica no sentido de acolher, amparar, uma ou mais consciências, empregado como técnica auxiliar com objetivo de potencializar a tarefa do esclarecimento ou torná-la mais eficaz” (MATUCHEWSKI, 2015, p. 46).

Sinonímia: 1. Acolhida assistente-assistido. 2. Receptividade interassistencial.

Antonímia: 1. Desacolhimento. 2. Acolhimento assistencialista.

A autora definiu o *Acolhimento Interassistencial aplicado à docência conscienciológica* como um conjunto de atitudes cosmoéticas como a ortopensenidade (manutenção de pensamentos sadios, evolutivos), o abertismo consciencial frente à assistência, a receptividade fraterna (um olhar acolhedor, um sorriso, um gesto), a escuta empática, a autoconfiança (segurança, autenticidade, sinceridade, franqueza), a autoconscientização multidimensional e a flexibilidade empregados pelo professor de Conscienciológica exemplarista, intra ou extrafísicamente no sentido de acolher uma ou mais consciências visando a tares, chegando na interassistência de forma lúcida.

Vale lembrar que ao realizar uma assistência o ideal é objetivarmos conscientemente a tares, mas nem sempre é possível. A tendência é começarmos pela tarefa de consolação (tacon), é o que aprendemos geralmente dos exemplos da sociedade, e é de execução mais fácil. Vamos mudando da tacon para a tares pela vontade progressivamente e nos qualificando com as reciclagens intraconscienciais (recins). Fazer a tares exige um esforço do indivíduo para sair da instintividade e iniciar a mudança para a assistência mais qualificada. É um movimento cíclico de crescimento, mas será importante se aprimorar e não passar uma vida intrafísica realizando somente tacon.

4. RELATO DE AUTOPESQUISA

A autopesquisa permitiu à autora entender, refletir e qualificar a interassistência. Listando os traços verificou uma tendência que poderia ser o gargalo nesse acolhimento interassistencial

qualificado. Identificou o hábito de tentar “consertar as coisas”, e pensar que pode e sabe como. O que é esse hábito? É o desejo de corrigir os outros, de mostrar o caminho certo, tentar consertar o que está errado como se fosse uma mágica. Esse traço é instintivo, a pessoa nem percebe que está agindo assim e, no caso da autora, se fez presente em um longo período de sua docência.

Esse conceito do “reflexo de consertar as coisas” surgiu no estudo da Entrevista Motivacional que é um “método diretivo centrado no cliente para intensificar a motivação intrínseca na mudança explorando e resolvendo a ambivalência” (MILLER; ROLLNICK, 2002 apud FUENTES, 2019, p. 21).

Em processos terapêuticos e reciclagens, a autora não tinha clareza desse hábito de querer “consertar as coisas”. Tinha certeza que era uma boa pessoa, uma pessoa assistencial e que deveria ajudar os outros. Porém inconscientemente, seu desejo real era ser capaz de mudar o outro, consertar o outro, curar, prevenir danos, promover o bem-estar. O objetivo era sempre desejar o melhor para o outro, mas entrava em contato com a impaciência, a impulsividade, a arrogância de achar que sabia tudo e que as coisas deviam ser do seu jeito, desejava poder arrumar tudo. Essas são características de sua personalidade que ao longo da vida, sempre tentou mudar, reciclar em autoterapias, autorreflexões e autopesquisas.

Levando em consideração que o docente é um facilitador de conhecimento e aprendizagem, a autora tinha certeza que estava agindo corretamente e que esse era o caminho. Mesmo sabendo que é impossível mudar o outro, achava que facilitaria sua compreensão da realidade. E se conseguisse fazer com que a pessoa mudasse uma característica, uma maneira de pensar, uma ideia, ela já estaria satisfeita. Mas na maioria das vezes, as coisas não aconteciam como esperava. Como achar que poderia mudar o outro se é difícil fazer as próprias reciclagens? Era frustrante, pois a autora fazia uma avaliação negativa sobre suas interações. Pensava que a mudança do outro não acontecia, por ela ser incapaz, como se isso fosse realmente possível. Depositava nela a responsabilidade de mudança. Mas o processo de mudança depende da própria pessoa, talvez no momento o outro não tinha maturidade ou condições emocionais de mudanças, ou não queria ou podia mudar, ou simplesmente não era o momento da pessoa. A maior dificuldade da autora era respeitar o nível evolutivo do assistido. Ao ter essas reflexões equivocadas e depois de muitas novas reflexões, ela percebeu que era necessário mudar. Surgiu a necessidade de mudança e de entendimento do que é realmente uma interassistência qualificada, ou seja, assistir para se chegar à assistência tarística, mais cosmoética. Mas a maior dúvida que tinha e que gerava muitas reflexões foi como fazer? Como poder qualificar a sua assistência?

Foi nesse momento também que a autora começou a analisar melhor alguns de seus traços, como, por exemplo, começou a pensar em se posicionar frente ao desenvolvimento do seu parapsiquismo, em assumir seus atributos e começar a se dedicar aos estudos e a aquisição de conhecimento que desse uma base sólida para chegar ao ideal da assistência qualificada.

Iniciou com cursos na Instituições Conscienciocêntricas (ICs), dinâmicas parapsíquicas, leituras, tertúlias e começou a se dedicar mais à aquisição de conhecimento e aplicação das técnicas para o domínio energético e autoconhecimento. Seu processo de docência conscienciológica começou com o auxílio em sala de aula aos professorandos do Curso para Formação de Professores de Conscienciológica (CFPC) em São Paulo, e também o atendimento na preceptoria parapedagógica. A preceptoria parapedagógica é “a tarefa de esclarecimento de orientação e acompanhamento desenvolvida pelo preceptor com as conscins interessadas na busca do desenvolvimento do indivíduo quanto a Parapedagogia, filosofia educacional do paradigma consciencial” (FUENTES, 2018, p. 5).

A participação em aulas e conversas com os parapedagogos veteranos propiciou muita autopesquisa e reciclagens. Sempre muito bem acolhida pelos parapedagogos da Reaprendentia que com o seu abertismo e exemplarismo cosmoético a ensinavam e auxiliavam. Nesses momentos de reflexões conseguia entender que a base da interassistencialidade, é não forçar a barra com o outro, não impor seus saberes e conhecimento, e sim aceitar o universo do outro, tentar orientar sempre respeitando o nível evolutivo e construindo o conhecimento cooperativamente. Essa é a postura ideal, mas nem sempre ela é possível e pode-se ainda cair em armadilhas emocionais e cognitivas. É um processo difícil, mas possível desde que se tenha vontade de mudar.

5. APRESENTAÇÃO DE ATITUDES INSTINTIVAS DA CONSCIÊNCIA NA ASSISTÊNCIA VS. O IDEAL

Pensando em uma maneira de ajustar esses hábitos e assim desenvolver uma assistência mais **tarística** e mais **cosmoética**, a autora apresenta aqui exemplos de comparação entre atitudes instintivas da consciência na assistência vs. as atitudes ideais.

A seguir um cotejo de 10 itens que são exemplos de comparações entre essas atitudes:

ATITUDES INSTINTIVAS	ATITUDES IDEAIS
Querer consertar o outro.	Ouvir ao outro.
Forçar a barra para a pessoa mudar.	Não forçar a barra.
Arrogância do saber.	Saber compartilhado.
Acolhimento (consolação).	Acolhimento (tarístico).
Impaciência.	Simpatia – Empatia.
Desrespeito ao outro.	Respeito – cooperação.
Aleatório, desorganizado.	Técnico.
Superficial.	Planejada.
Egocêntrico.	Cosmoético.
Emocional.	Racional.

Algumas considerações importantes sobre algumas das atitudes instintivas e ideais que vale destacar:

Querer consertar as coisas: neste aspecto se tem como base o que a pessoa acha que é melhor para o outro. O assistente ainda não interagiu de forma mais completa, com empatia, para entender as reais necessidades do assistido. Geralmente impõe resoluções e tenta ajeitar as coisas, indicando um caminho certo. Em contraposição **ouvir ao outro** é se interessar por saber o que o outro pensa e precisa nesse momento evolutivo.

Arrogância do saber: pode ser o professor que acha que sabe tudo, que é possuidor da erudição. Ou também pensa que a sua didática ou a sua metodologia é a melhor. Pode pensar que sabe a maneira certa para a outra consciência estudar, pois esse método deu certo para ela e deduz que dará certo com o aluno.

Saber compartilhado: é o saber construído e compartilhado com o aluno. É aceitar as vivências e experiências dos alunos como exemplos de um determinado assunto. Muitas vezes o aluno terá mais experiências que o professor em determinados assuntos, por exemplo, o professor tem poucas vivências lúcidas de projeções conscientes, mas pode se deparar com um

aluno que têm muito mais fenômenos que ele. Isso não será um problema, pelo contrário, será enriquecedor e aglutinador.

Acolhimento consolador: é o acolhimento que passa a “mão na cabeça”, talvez ajude momentaneamente, levando em consideração somente a intrafísica. Desconsidera a consciência como um todo, holossomaticamente, excluindo a existência das energias, do campo energético, dos acoplamentos, das assimilação simpática (assim), desassimilação simpática (desassim) e o contato com os amparadores.

Acolhimento tarístico: é o acolhimento mais profundo, lúcido, levando em consideração as energias, a multiexistencialidade e a multidimensionalidade e principalmente o nível evolutivo do assistido. “É a abordagem, recepção ou contato interassistencial à consciência, intra ou extrafísica, realizada pela equipin e/ou equipex, com o propósito de esclarecê-la de modo franco e cosmoético sobre os traços de personalidade a serem reciclados, em prol da evolução” (RIBEIRO, 2016, p. 250).

Empatia: segundo Marshall B. Rosenberg (2006, p. 133 e 134), no livro *Comunicação Não Violenta*, a “empatia é a compreensão respeitosa do que os outros estão vivendo”. A verdadeira empatia requer que se escute com todo o ser, não somente com os ouvidos o com o intelecto, mas ouvir com o holossoma. “Portanto, ela exige o esvaziamento de todos os sentidos. E, quando os sentidos estão vazios, então todo o ser escuta. Então, ocorre uma compreensão direta do que está ali mesmo diante de você” (ROSENBERG, 2006, p. 134). A empatia “requer presença, responsabilidade, ela requer você” (ROSENBERG, 2006, p. 134).

O contrário da empatia é a impaciência e o fato de querermos dar conselhos para consertar a situação, o já mencionado “reflexo de consertar as coisas”, ou dar explicação e posição sobre determinado assunto ou sentimento querendo se impor.

Planejada: em contraposição à uma atitude superficial existe a atitude planejada que envolve técnica. O planejamento assistencial é um processo que envolve análise, reflexões, definição de ações e previsão de formas de agir e organizar. O processo de planejamento da ação assistencial é um tipo de planejamento parapedagógico. Por exemplo: na sala de aula ao interagir com um aluno, preparar o campo, fazer contato com os amparadores ou após uma conversa com outra pessoa, utilizar técnicas energéticas para desassimilar os acoplamentos, utilizar de ambientes adequados para se fazer assistências. Agir com discernimento e lucidez levando em conta todas as etapas do polinômio da assistencialidade: *acolhimento-orientação-encaminhamento-acompanhamento*.

Egótico ou egocêntrico: que ou quem atribui valor excessivo a si mesma, a seus próprios juízos, sentimentos ou necessidades, preocupando-se pouco ou nada com os problemas e interesses alheios (MICHAELIS, 1998).

Cosmoético: “A moral cósmica é o conjunto de normas universais e multidimensional além dos princípios da moral humana” (VIEIRA, 1994, p. 655). Ser cosmoético significa estar presente, ser exemplarista e coerente.

Como realizar a mudança de uma assistência mais instintiva a uma mais qualificada? Embora não seja simples identificar o nível de assistência que você está exercendo nesse momento, pode ser que às vezes aja apenas instintivamente e pense que está fazendo o melhor. Podem-se utilizar técnicas para chegar a realizar as mudanças necessárias e aprofundar na autopesquisa. A vontade é um atributo consciencial relacionado com a capacidade da consciência de querer algo ou alguma coisa e agir para tornar reais seus anseios.

Reciclar é entender que para avançar evolutivamente é preciso mudar para melhorar os pontos que podem estar travando nosso crescimento. Então começar, pesquisar, se enxergar com

necessidades e dificuldades e querer mudar permitirá as reciclagens para passar da atitude instintiva para a atitude qualificada ou ideal. O desenvolvimento da consciência tem uma tendência a ser em espiral, ora a pessoa estará subindo, no alto, ora vai descer, haverá recaídas e mudanças. Quando a pessoa quer e aceita os desafios se mantém firme, mesmo com altos e baixos.

Na Conscienciologia existem algumas técnicas que podem ajudar a aprimorar o trabalho interassistencial e mudar progressivamente de uma assistência instintiva para uma qualificada. A seguir algumas técnicas utilizadas pela autora:

1. Ortopensenidade: manutenção da autopensenidade sadia, intra e extrafísica, tornando consistente a emissão de energias homeostáticas que sustentarão o campo energético da assistência.

2. Contato com o amparador: pacificamente e com o intuito de que aconteça o melhor para todos, mentalmente utilizar de recursos parapsíquicos para se conectar com o seu amparador e o amparador do assistido e estabelecer um *rapport*.

3. Exteriorização de energias: através da vontade a consciência lança suas energias para o ambiente além do corpo físico com seu energossoma, expandindo seu campo energético em todas as direções; mantendo a atenção e o foco.

4. Manutenção do campo energético: criar um campo energético de energias conscienciais (ECs), acolhedoras e assistenciais, sendo instalado ou potencializado conscientemente com o intuito de acolhimento às conscins e consciexes. Manter a hiperacuidade para perceber o campo energético e seus componentes e perceber as sutilezas do campo.

5. Aplicar a técnica do estado vibracional (EV): iniciar com a mobilização básica das energias, mobilizando as energias da cabeça aos pés e dos pés a cabeça, ir aumentando a velocidade, o ritmo e a intensidade, a pessoa dinamiza as energias até instalar o estado vibracional (EV) resultando na ativação plena das energias conscienciais, evidenciada pela vibração do energossoma.

6. Sinalética energética: “é a existência, identificação, registro e emprego autoconsciente dos sinais anímicos, energéticos, parapsíquicos e personalíssimos” (VIEIRA, 2005, p. 20.425). A autora procura estar atenta e registrar esses sinais. É uma ferramenta evolutiva e que pode contribuir muito na assistência ao aluno. O importante é registrar esses sinais no momento da assistência e assim poder aprimorar positivamente a atuação docente.

6. ESTUDO DE CASOS

A autora descreve abaixo dois casos que avalia serem importantes para ilustrar suas reciclagens e o esforço de mudar de uma assistência mais instintiva para uma mais qualificada, como sugerido na tabela mencionada acima.

6.a. Aleatório X Técnico

Uma criança matriculada em uma sala de aula, em uma escola em São Paulo. Algumas características físicas e da personalidade da criança são relevantes para o relato. O menino que chamaremos de S. era grande para sua idade, com muita força física, cheio de energia embora desequilibrada, comunicativo, voluntarioso, muito inteligente, autoritário, impaciente e birrento.

Em um dia de aula normal as crianças brincavam com seus colegas, compartilhavam todo o material, conversavam e brincavam com muita tranquilidade. Nesse dia S. resolveu que não queria fazer a atividade proposta do momento. Comunicativo e muito inteligente, argumentou utilizando de muitos e insistentes argumentos para convencer a autora que não faria a atividade,

pois não estava com vontade. Usando dos seus conhecimentos de psicologia e pedagogia a autora iniciou uma conversa explicando que a atividade não era opcional e sim uma tarefa obrigatória e que deveria ser realizada naquele momento. Esse tipo de conversa a autora tem diariamente com seus alunos, não era a primeira vez que a criança escutava aquilo. De repente, S. se levantou da cadeira e foi em direção da professora, com a fisionomia do seu rosto transfigurado, fora do padrão normal, pois S. era muito afetivo e sorridente diariamente, e naquele momento se apresentava agressivo, demonstrando muita raiva. Nesse momento a autora teve a certeza que precisaria agir o mais rapidamente possível e de maneira adequada com S. A autora virou-se em direção do S., pensou nos amparadores, e começou a exteriorizar energias. Muita energia, com o pensamento voltado para que acontecesse o melhor para todos e que o S. se acalmasse. Na hora o S. parou na sua frente, olhou para ela mais calmo e voltou para sua mesa. Imediatamente a autora encerrou a exteriorização e foi ver como S. estava se sentindo. Abaixou-se para conversar com ele, perguntou se estava tudo bem e ele respondeu: *“Agora sim, me acalmei. Não vou mais brigar com você”* e começou bem devagar a realizar a atividade. A autora e o S. riram juntos.

Muitas dessas situações acontecem diariamente com professores de ensino público e privado e o processo de assistência é contínuo. S. teve outros momentos de agressividade e precisou do auxílio da professora, nem sempre foi possível atendê-lo e ajudá-lo de imediato, mas muitas vezes, ela conseguiu orientá-lo.

Vale lembrar que a autora, no episódio relatado, teve que utilizar todo seu estofo energético. Foi um momento de extrapolação energética, sentiu suas energias exteriorizadas por todo seu energossoma e principalmente pelos palmochacras e sentiu-se esvaziada, sugada energeticamente. Assim que terminou a exteriorização poderia ter continuado o processo utilizando uma técnica para a desassim, como o EV, por exemplo, mas ela estava tão feliz com o resultado, foi tão instintivo, que não se lembrou de utilizar a técnica, mas conseguiu desassimilar. Observa-se aqui um momento de descuido, de desconexão com o autocuidado, sendo uma tentativa de acertar meio desorganizada.

O que é importante neste fato? Qual sua relevância? É que mais consciente de suas condições parapsíquicas, suas intenções e seu discernimento e lucidez a autora conseguiu passar de uma atitude instintiva e superficial para uma atitude técnica e respeitosa. Ao utilizar a técnica de exteriorização das energias, utilizou seus atributos para chegar a uma assistência mais qualificada.

6.b. Forçar a barra para mudar a pessoa X não forçar a barra

Em uma reunião de preceptoria parapedagógica com o professorando que chamaremos de F. nesse relato, a autora estava conversando e tentando resolver junto com o professorando qual seria a melhor maneira de falar sobre alguns Fenômenos Projeciográficos. Ambos discutiam a necessidade de diminuir a quantidade de conteúdo nos slides. O F. queria e defendia a ideia que o conteúdo ajudaria no entendimento dos alunos, a autora concordava, mas explicava que o aluno precisa saber o conceito, mas que se colocar muitas informações, corre-se um risco de confundir o aluno. A experiência docente da autora fazia que tivesse isso como um “valor” para a didática. A autora pensava que estava falando algo muito óbvio, mas o professorando não estava entendendo, e ela se perguntava, *“por que ele não está concordando?”* Nesse momento a autora estava pensando em “consertar as coisas”, estava querendo impor uma ideia, forçar a barra, tentando ajeitar as coisas, indicando um caminho. É claro que ao iniciar o encontro, preparava todo o ambiente, utilizava de técnicas energéticas para blindar o campo e deixá-lo mais assistencial,

reforçava os pensenes positivos de interação, mas isso não era suficiente, percebia intuitivamente que não estava se conectando com o professorando, que se não abrisse caminho, se não agisse empaticamente, a assistência não iria acontecer. Ao final da reunião, após várias conversas sobre a mesma temática e a autora tentando convencê-lo, teve uma sinalética, um zumbido no ouvido esquerdo, que é um sinal de amparo já identificado pela autora. Naquele mesmo momento mudou seus pensenes e começou a enxergar as coisas por um outro viés e assim começou a pensar mais racionalmente na situação. A resposta foi tão clara em seus pensamentos que é como se passasse um filme na sua cabeça de toda a conversa que tiveram naquele momento, e em que momento falhou e a autora deveria mudar. Nesse momento a autora instalou um EV e começaram a reunião novamente. Utilizaram exemplos, escutavam as dificuldades e necessidades, a autora propôs maneiras de melhorar as explicações e conteúdos, escutava as sugestões do F. e escolheram uma opção juntos. A autora fez uma mudança qualitativa de atendimento e esclarecimento, viu na prática a importância de respeitar o limite do assistido, o seu nível evolutivo e suas necessidades e conhecimento. Não foi fácil, nem simples, as vezes, levava mais tempo para conseguir se conectar verdadeiramente com o professorando, mas foi a interassistência na prática.

7. CONCLUSÃO

Entender e poder refletir sobre as vivências do acolhimento interassistencial aplicado à docência conscienciológica, fez a autora pensar na necessidade e na importância de aplicá-lo efetivamente em todas as interações, sejam elas docentes ou não. Será a postura ideal e prática que poderá abrir qualquer ideia ou intenção de assistência.

É importante refletir sobre as experiências a fim de apontar acertos e erros, para poder seguir em frente, sem vitimizações ou dramatizações de nossas ações. Também poder aceitar o fato de que em certos momentos agiremos instintivamente, e com esforço poderá se abrir o caminho para chegar a uma assistência mais técnica e qualificada.

Outro fator importante é investir em autopesquisa e reciclagens, a fim de qualificar e ampliar aspectos positivos de seu comportamento docente. Ampliar a visão de conjunto sobre a assistência que irá realizar para poder chegar ao ideal de uma assistência tarística e cosmoética.

8. BIBLIOGRAFIA

01. FUENTES, Natalia. Entrevista Motivacional e a mudança de comportamento na formação docente. **Revista de Parapedagogia**, Foz do Iguaçu, p. 21-40, 2019.
02. FUENTES, Natalia. Preceptoria parapedagógica na Formação Docente em Conscienciológica. **Revista de Parapedagogia**, Foz do Iguaçu, p. 3-14, 2018.
03. MATUCHEWSKI, Glória. Acolhimento Interassistencial Aplicado à Docência Conscienciológica. **Revista de Parapedagogia**, Foz do Iguaçu, p. 45-60, 2015.
04. MICHAELIS. **Moderno dicionário da língua portuguesa**. São Paulo, SP: Melhoramentos, 1998.
05. RIBEIRO, Erm; Acolhimento Tarístico; verbete; In: Vieira, Waldo; Org.; Enciclopédia da Conscienciológica; apres. Coordenação da ENCYCLOSSAPIENS; revisores Equipe de Revisores da ENCYCLOSSAPIENS; 27 Vols.; 23.178 p.; Vol. 2; 1.112 citações; 11 cronologias; 33 E-mails; 206.055 enus.; 602 especialidades; 1 foto; glos. 4.580 termos (verbetes); 701 microbiografias; 270 tabs.; 702 verbetógrafos; 28 websites; 670 filmes; 54 videografias; 1.087 webgrafias; 13.896 refs.; 9ª Ed. rev. e aum.; Associação Internacional de

- Enciclopediologia Conscienciológica (ENCYCLOSSAPIENS); & Associação Internacional Editares; Foz do Iguaçu, PR; 2018; ISBN 978-85-8477-118-9; páginas 250 a 255.
06. ROSENBERG, Marshall. **Comunicação Não-Violenta**: Técnicas para aprimorar Relacionamentos Pessoais e Profissionais. São Paulo, SP: Ágora, 2006.
07. VIEIRA, Waldo. **Dicionário de Argumentos da Conscienciologia**. Foz do Iguaçu, PR: Associação Internacional Editares, 2014.
08. VIEIRA, Waldo; **700 Experimentos da Conscienciologia**; Foz do Iguaçu, PR: Associação Internacional Editares, 2013.
09. VIEIRA, Waldo; **Projeciologia**; Foz do Iguaçu, PR: Associação Internacional Editares, 2008.
10. VIEIRA, Waldo; Sinalética Parapsíquica; verbete; In: Idem; Org.; Enciclopédia da Conscienciologia; apres. Coordenação da ENCYCLOSSAPIENS; revisores Equipe de Revisores da ENCYCLOSSAPIENS; 27 Vols.; 23.178 p.; Vol. 25; 1.112 citações; 11 cronologias; 33 E-mails; 206.055 enus.; 602 especialidades; 1 foto; glos. 4.580 termos (verbetes); 701 microbiografias; 270 tabs.; 702 verbetógrafos; 28 websites; 670 filmes; 54 videografias; 1.087 webgrafias; 13.896 refs.; 9ª Ed. rev. e aum.; Associação Internacional de Enciclopediologia Conscienciológica (ENCYCLOSSAPIENS); & Associação Internacional Editares; Foz do Iguaçu, PR; 2018; ISBN 978-85-8477-118-9; páginas 20.425 a 20.429.

Sônia Carrasco de Souza, pedagoga, voluntária da Conscienciologia desde 2013 (atualmente voluntária na Reaprendentia e Ectolab), docente desde 2015, participando da Formação de Parapedagogos na Reaprendentia. E-mail: soniacarrasco@gmail.com.